

LIVIA RODRIGUES PINHEIRO



1290001961



TCC/UNICAMP P655e

ESSA HISTÓRIA DE CONTAR HISTÓRIAS: A CONTRIBUIÇÃO
DESTA ARTE PARA A FORMAÇÃO DO PEDAGOGO

2003 507.1.100

CAMPINAS

2004

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

LIVIA RODRIGUES PINHEIRO

ESSA HISTÓRIA DE CONTAR HISTÓRIAS: A CONTRIBUIÇÃO
DESTA ARTE PARA A FORMAÇÃO DO PEDAGOGO

*Trabalho de Conclusão de
Curso, apresentado como
exigência parcial para obtenção
da Graduação em Pedagogia
pela Faculdade de Educação da
Universidade de Campinas, sob
orientação da Prof.^a Dr.^a Lúcia
Reily*

CAMPINAS

2004

Bib. ca 310.328

UNIDADE	FE
Nº CHAMADA:	TCC UNICAMP
	P655e
V:	
TOMAR:	1961
PRGO:	86.2005
C:	
PREÇO:	2811,00
DATA:	31/03/05
Nº CPD:	

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

P655e Pinheiro, Livia Rodrigues.
Essa história de contar histórias : a contribuição desta arte na formação do pedagogo / Livia Rodrigues Pinheiro. -- Campinas, SP: [s.n.], 2004.

Orientador : Lúcia Reily.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Contar histórias. 2. Pedagogo – Formação. 3. Arte e educação. 4. Literatura infantil. I. Reily, Lúcia. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

05-11
RP/FE

Agradeço...

... ao sol quente de Campinas que aqueceu e alegrou meus dias de descobertas no curso de Pedagogia na Unicamp

... à chuva tranqüila que tanto inspirou as leituras e deixou mais verde as árvores que cruzam meu caminho indo para universidade

... aos tesouros de amigos que por esse caminho fui encontrando e desabando minhas angústias do curso, do trabalho e da vida. A luz intensa da amizade e conforto que sempre encontrei em nossas conversas

... aos doutores da faculdade de educação que cuidaram de nossas cabeças, mas por favor, não se esqueçam do nosso coração!

... ao olhar atento, carinhoso e azul que me orientou nesse trabalho;

... aos livros e autores, companheiros contadores de histórias

... às cores da Vivi, amiga e companheira de trabalho, que iluminou todo o decorrer desta caminhada e coloriu as páginas dessa história. Obrigada ilustre ilustradora!

... ao bolo gostoso chamado Manauê que deu sabor e cor à minha formação como pedagoga. A cada pitada de Mari, Paula, Paulete, Gláucia, Vivi e Helô. Vocês são agradáveis ao paladar!

... à base sólida, estrutura firme do lugar de onde venho: pai, mãe, Diogo e Aline; por todo amor que corre no sangue que nos une

... e à Janis Joplin: trilha sonora inspiradora dos momentos finais de muita tensão!





Por todas as histórias contadas,
pelos livros que me presenteou,
pelo amor de todo dia,
e exemplo de educadora.
Pra você, minha mãe!



Eu plantei um pé de amor

No fundo da minha vida.

A semente foi brotando.

Primeiro criou raiz,

da raiz nasceu o broto,

do broto nasceu o caule,

do caule nasceu o galho,

do galho nasceu a folha,

da folha nasceu a flor,

e da flor nasceu o fruto.

E o fruto, que era verde,

Depressa ficou maduro.

E com ele eu fiz um doce,

que eu dei pra você provar,

que eu dei pra você querer,

que eu dei pra você gostar.

(Lição de Biologia, Ricardo Azevedo)



Sumário...

Introdução – A cada história uma intenção	5
O encontro com as histórias	6
1. Contador: quem é você?	10
O grupo Manauê: uma história pra contar	12
2. Preparar para contar	13
O evocar das possibilidades	18
3. Num lugar não muito distante daqui.....	22
O que são os núcleos?	22
Como ficou nosso trabalho	23
Da brincadeira ao grande achado	24
Conclusão – Me conte outra!	26
Do outro lado da janela	31
Referência Bibliográfica	39
Bibliografia Complementar	40
Anexos	41

A cada história uma intenção

As relações humanas se desgastam ao mesmo tempo em que a tecnologia tenta aproximar meninos de uma tela fria de computador, que buscam nas redes da Internet um bom motivo para se divertir e conhecer pessoas. Ou então, é o sistema que exclui meninos dessa sociedade virtual, das emoções compradas num jogo de vídeo game e os encaminha às ruas da cidade que também são frias. Nesse fluxo desenfreado de informações, são esses meios que educam e informam os meninos. E o que formam?

Formação! Os meninos clamam por uma educação que não só informe, pois de informação o mundo já está saturado, mas que pense num resgate de seus valores e sua essência. Que dê voz e vida às bocas que há tempo andam caladas.

Esse trabalho tem como objetivo e obrigação dar voz a uma menina que agora encontra espaço para contar a sua história de contar histórias! Através do relato de experiência e observações em um trabalho desenvolvido na prefeitura de Campinas como contadora de histórias, deseja mostrar a todos que se interessam pelo assunto, suas reflexões sobre a importância dessa arte para a formação do pedagogo, tendo como apoio bibliográfico outros contadores que já estudaram e escreveram sobre o assunto.



O Encontro com as histórias

Deus criou a mulher e com ela criou a fantasia. Foi assim que a Verdade decidiu uma vez conhecer um palácio por dentro e escolheu o mais suntuoso de todos onde vivia o sultão Haroun Al-Raschid. Vestiu-se apenas com um véu transparente e foi até o palácio. Chegando lá, o guarda ficou desconcertado ao ver aquela bela mulher sem roupa nenhuma e perguntou quem ela era.

Com firmeza ela respondeu:

- Sou a Verdade e desejo me encontrar com o seu senhor, o sultão Haroun Al-Raschid.

O guarda ao entrar no palácio ajoelhou-se diante do grão-vizir e disse:

- Senhor, lá fora tem uma mulher vestida apenas com um véu transparente e ela quer falar com nosso senhor.

O Grão-vizir curioso perguntou:

- Mas quem é essa mulher?

- Ela disse que se chama Verdade, senhor.

O grão-vizir arregalou os olhos e quase gaguejou;

- O que? A Verdade deseja entrar em nosso palácio? Nem pensar, eu não permitiria isso. Já imaginou o que seria de mim e de todos aqui se a Verdade aparecesse diante de nós. Estaríamos perdidos, sem exceção. Mande essa mulher embora imediatamente.

O guarda transmitiu a resposta para a Verdade que se foi muito triste pelo caminho.

Acontece que...

Deus criou a mulher e com ela criou a teimosia. A Verdade não se deu por vencida e foi procurar roupas para se vestir. Cobriu-se dos pés a cabeça com peles grosseiras deixando apenas o rosto de fora, e se foi, é claro, ao palácio do sultão Haroun Al-Raschid. Chegando lá o guarda ficou horrorizado ao ver aquela mulher tão terrivelmente vestida e perguntou quem ela era o que queria:

E com voz severa ela disse:

- Sou a Acusação e exijo uma audiência com o sultão desse palácio.

O guarda, ajoelhando diante do grão-vizir, disse:



- Senhor, lá fora se encontra uma mulher com vestes malcheirosas e ela deseja falar com nosso sultão.

O grão-vizir perguntou:

- E como se chama essa mulher?

- Acusação, Excelência.

O grão-vizir tremendo de medo disse:

- Nem pensar! Já pensou o que seria de mim e de todos aqui se a Acusação entrasse em nosso palácio? Estaríamos todos perdidos, sem exceção. Mande essa mulher embora imediatamente.

E mais uma vez ela foi embora tristemente, mas ainda não se deu por vencida.

E isso porque...

Deus criou a mulher e com ela criou o capricho. Assim a Verdade buscou as vestes mais lindas: veludos e brocados bordados com linhas de todas as cores do arco-íris. Enfeitou-se com colares de pedras preciosas, brincos e pulseiras do mais fino ouro. Perfumou-se com essência de rosas e cobriu seu rosto com um véu tecido por fios de seda dourados e prateados e foi até o palácio do sultão Haroun Al- Raschid.

O Guarda quando abriu a porta e viu aquela mulher tão deslumbrante como a lua, perguntou quem ela era. Com voz doce e melodiosa ela respondeu:

- Eu me chamo Fábula e desejo, se possível, me encontrar com o sultão desse palácio.

O guarda entrou correndo ao palácio e até se esqueceu de ajoelhar-se diante do grão-vizir e disse:


- Senhor, lá fora se encontra uma mulher tão linda, mas tão linda que até parece uma rainha e ela deseja se encontrar com nosso sultão.

O grão-vizir curioso perguntou:

- Mas quem é essa mulher?

- Se ouvi direito, ela disse que se chama Fábula, senhor.

- O que? – disse o grão-vizir encantado – A Fábula deseja entrar em nosso palácio? Mas que grande notícia! E para que ela seja recebida como merece, eu ordeno que cem escravas tragam o mais magnífico presente, flores perfumadas, danças e músicas festivas.



As portas do palácio de Bagdá se abriram e por elas, finalmente, a bela andarilha foi convidada a passar.

E foi assim que a Verdade, vestida de Fábula, conseguiu conhecer um palácio por dentro e se encontrar com o sultão Harou Al- Raschid, o mais fabuloso sultão de todos os tempos.”

Li esse conto, *Uma fábula sobre a fábula* no livro “Violino Cigano” de Regina Machado, a qual reconta contos de tradição oral sobre mulheres sábias.

Acredito que esse conto expressa como foi meu encontro com as histórias e como estas começaram a fazer parte de minha vida, pois o ato de contar não se limita apenas a pronúncia de palavras com uma certa coerência, mas sim o transparecer de imagens criadas dentro da gente que dão vida às palavras e sentido às histórias.

Assim Regina Machado traz em seu livro que o contador de histórias

“também recebe o aventureiro convite do conto para passear pela paisagem. Por meio desse passeio, também se transforma. Deixando-se conduzir pelas imagens do conto e pela disposição amorosa de encontro com o desconhecido, percorre ao mesmo tempo a paisagem de sua imagens internas” (2004: 41).

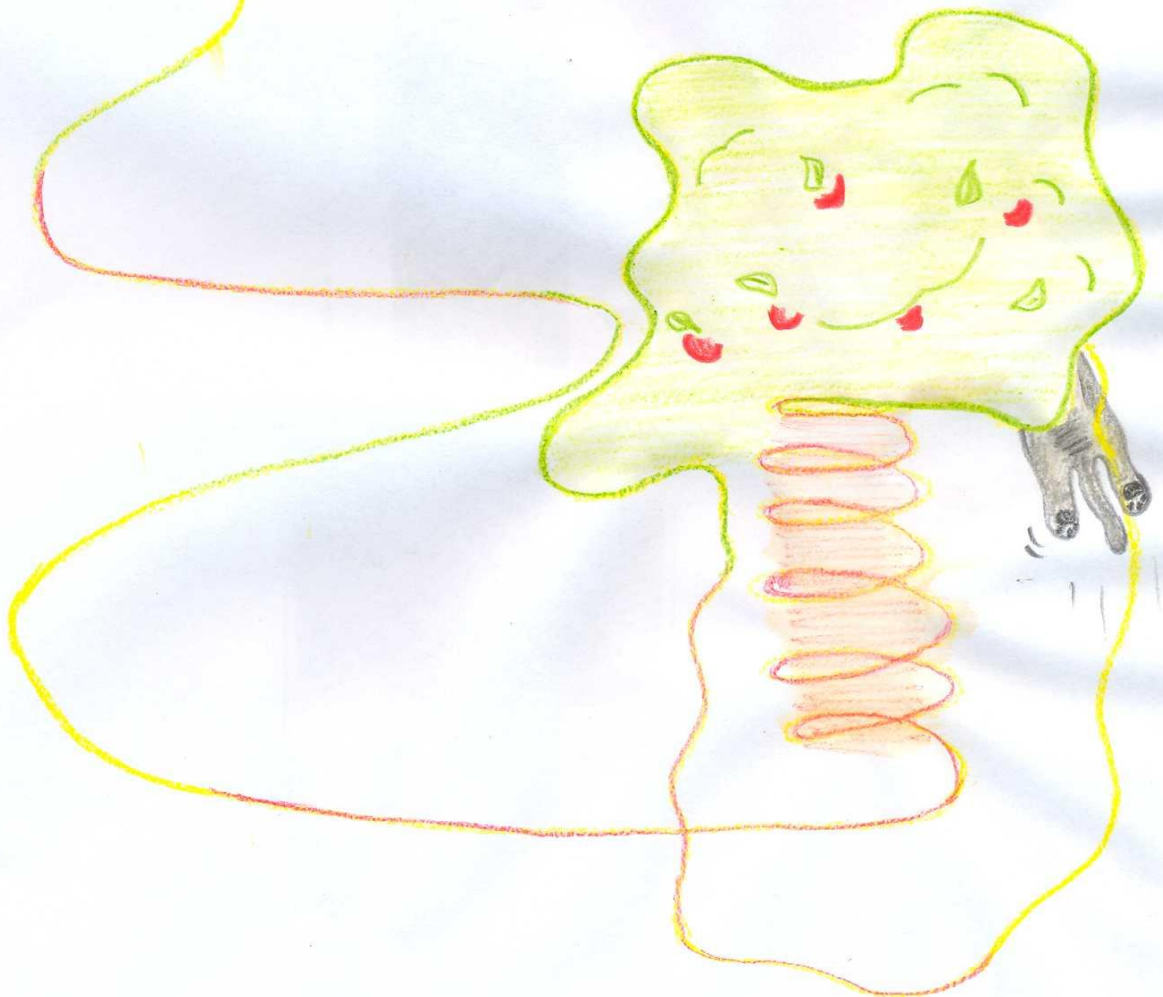
Sinto-me, a cada história contada, renovada por esse passeio entre experiências vividas ou desconhecidas. Percorro sem medo as pistas contidas entre as linhas de um conto de tradição oral ou dos contos literários. Transgido as leis do tempo exato e cronometrado e me transporto para um mundo do possível, das possibilidades. Sou tocada pela história e sinto seu clima de tensão ou de alegria; revivo dentro de mim as imagens de uma infância de sonhos, deixando para trás as imagens prontas dessa sociedade consumista que vende desejos e satisfações materiais.

Aos poucos a “Verdade” vai entrando nesse palácio suntuoso que é o meu mundo interno; é vestida de Fábula, em metáforas, que ela vai dando sentido à minha formação como pedagoga e como pessoa. Pois acredito que,

se essa Verdade não se fizer concreta dentro de mim, não tenho como passá-la a ninguém.

O contato com a Arte (independentemente se for com a música, dança, teatro ou qualquer outra manifestação artística) sensibiliza, aguça os sentidos. Dessa sensibilização surgem as possibilidades de criar e recriar: transformar! Poder imaginar algo diferente daquilo que se é dado e expressar, em outras linguagens, algo que possa tocar cada um no mais íntimo do seu ser.

Contar histórias é uma arte que possibilita não só a transformação de quem ouve como também de quem conta. Para contar histórias é preciso um encontro consigo mesmo, com seus valores e crenças ou com aquela criança já esquecida na lembrança da velha foto. É um resgate de si mesmo, que ultimamente, se preocupa apenas em achar teorias que expliquem como lidar com o ser humano e se esquece que também o somos.



Contador: quem é você?

Transgredito as leis do tempo e viajo à procura do contador de histórias. Posso vê-lo numa pequena tribo indígena, sentado diante de uma fogueira, explicando a origem do seu povo, suas crenças e o amor pela “terra mãe”. Ao longe, avisto o velho viajante (marinheiro, comerciante), conhecedor de diversos lugares... a cada cidade visitada, os moradores o rodeiam e escutam suas aventuras vividas nas viagens. Encontro também o camponês, filho da terra, da lavoura. Sentado debaixo de uma árvore, na beira do rio ou reunido com a família ao lado do lampião a gás; fala sobre seu dia, explica técnicas que utiliza no campo, conta histórias de terror com almas penadas, façanhas do saci, maldições e pragas rogadas pelas bruxas. Ele entretém e ensina.

São estes sábios conselheiros que, assim, perpetuam as culturas, crenças e valores. Transmitem suas próprias histórias e dos outros também. Conhecedores do mundo: dos seus mistérios e encantos, nos deixando de herança os contos de tradição oral.

Continuo vendo a luz... porém não é mais da fogueira, nem do velho lampião. É a luz artificial do monitor de uma televisão. Estou de volta aos tempos atuais! Tempos de informação como nova forma de comunicação. Mensagens prontas e instantâneas de verificação imediata, “compreensível ‘em si e para si’”. (Benjamin, 1987: 203)

A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações. Em outras palavras: quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo a serviço da informação. Metade da arte narrativa está em evitar explicações.

Em meio às turbulências do mundo da informação e do consumo, encontro chamas de luzes, brasas da antiga fogueira, herdeiros de tesouros milenares: são os novos contadores de histórias que pretendem resgatar essa arte tão esquecida. Machado (2004: 15) acredita que esse reaparecimento “se trata de um sentimento de urgência que faz renascer das cinzas uma ética

adormecida, uma solidariedade não mais do que básica, num mundo de cabeça para baixo.”

Costa (2001: 77) atenta também em seu texto *Memórias compartilhadas: os contadores de histórias* para a importância desse resgate dos contos de tradição oral, afirmando que

Os contos populares são formas de reconstituição do coletivo anônimo, que atestam detalhes do ambiente, frases, hábitos desaparecidos, a mentalidade de uma determinada época; que faz despertar o poder da imaginação adormecida em cada um de nós, levando-nos a evocar vínculos com o passado.

Os novos contadores trazem consigo o contexto atual no qual se encontram, porém fazem um trabalho de resgate e evocação do passado. O repertório varia entre a literatura moderna ou os contos populares que, atualmente, não são mais perpetuados pelo “boca-a-boca” mas encontrados em livros, recontados por grandes pesquisadores e folcloristas.

Hoje ouvimos falar de contadores de histórias em escolas, bibliotecas, reuniões de empresas, creches, hospitais, etc. Os interessados procuram cursos de formação, reúnem-se em grupos e se “profissionalizam” nesta arte. Outros estudam há tanto tempo e questionam essa prática que até já escreveram livros sobre o assunto. A bibliografia não é muito grande e o acesso também é difícil, não correspondendo à importância do tema e suas possibilidades de transformação. Pois como afirma Sisto (2001: 96), a história é “libertadora dos padrões vigentes, recuperadora das diferenças, valorizadora do regionalismo, instauradora do lugar do sonho, promotora da autoria imaginativa, conquistadora, do indivíduo ouvinte num mundo hiperfalante, abolidora do tempo”.

Por isso e mais um pouco, conto histórias!

O grupo Manauê: uma história pra contar

Uma oficina dada na Unicamp em outubro e novembro de 1998 ministrada por Ângela Barcellos Café do grupo Gwaya (Goiânia), despertou o interesse de estudantes de diversas áreas em estudar a arte de contar histórias. Algumas pessoas passaram a se reunir e pesquisar bibliografias sobre o assunto.

E foi assim que o Manauê começou. De um grupo de mais de trinta interessados, ficaram apenas três pessoas: Ana Paula de Godoy e Mariana Romero da Pedagogia; e Paulete da área da Educação Física. Então elas prosseguiram com o trabalho, contando histórias e formando novos contadores. No meu primeiro ano de faculdade (em 2001) o grupo Manauê ofereceu na faculdade de Educação da Unicamp, uma oficina de contadores de histórias, a qual me inscrevi. Neste momento, nem imaginava que permaneceria com essa arte de contar até hoje.

Assim, iniciei essa experiência com as histórias, juntamente com minha amiga Gláucia Rodrigues que começou comigo. Era o pontapé inicial para tantas descobertas. Vieram sessões e oficinas e aos poucos fomos descobrindo caminhos que nos levavam cada vez mais para dentro. De onde? No começo eu não sabia, nem percebia. Mas eram trilhas que levavam para dentro de mim através das histórias.

Formamos mais contadores e nessas experiências conhecemos pessoas que se interessavam pela arte. Convidamos então, para fazer parte do grupo Manauê, a Viviane Coentro (fonoaudióloga) e a Heloisa Belizário que também cursava Pedagogia.

Aos poucos nossas formadoras (Paulete, Mariana e Ana Paula) foram se envolvendo com outros trabalhos e nos deixaram. Não foi um abandono total pois em cada uma de nós permaneceu a semente: o amor em contar histórias e a responsabilidade que tínhamos em difundir essa arte.

O grupo Manauê, com sua nova formação, assumiu o primeiro trabalho: um projeto com a Assistência Social da prefeitura de Campinas. Portanto, essa experiência será relatada mais para frente deste trabalho.

Preparar para contar!

Sou uma contadora de histórias. Confesso que essa denominação causa alegria e orgulho ao ser pronunciada, porém considero um grande desafio, por ser esta uma qualificação de muitas responsabilidades. “Contar histórias não é só dizer um texto” (p.46), assim fala Celso Sisto (2001: 44); contar é “vivificar” a história de uma forma “quase ritualística, se pensarmos na evocação. O contador evoca algo que já aconteceu”. Tarefa difícil que exige uma delicada preparação.

Gostaria de refletir sobre esse preparo para contar uma história pois considero de extrema importância às tantas transformações ocorridas em minha formação. Não quero enumerar técnicas ou receitas para ser um contador. Pretendo mostrar o caminho que percorro quando preparo uma história e como esta acaba me transformando.

“A história tem que preencher em nós alguma coisa que provavelmente nos falta. É como se o contador nascesse a cada história que ele conta.” (Sisto, 2001: 40). E para esse contador renascer, é necessário um estudo dessa história, uma intimidade e cumplicidade entre ambos. Fazer a tão destacada pergunta que Regina Machado traz em seu livro: “O que eu tenho para você, história? E o que você tem para mim?” (2004: 55); ou então, como destaca Sisto, “O contador está a serviço da história que narra.” (2001: 112)

Sou uma caçadora de histórias: adoro procurar nos livros algo que eu goste para poder contar. Vale um pouco de tudo: contos de fadas, terror, lendas, etc. Tenho uma tendência a escolher histórias engraçadas, leves e descontraídas ou aquelas com um final surpreendente. Acredito (e posso compartilhar dessa crença também com os autores lidos) que um contador precisa em primeiro lugar gostar muito de histórias, e para tanto, necessita encontrá-las. Os livros tendem a contribuir nesta busca, pois trazem registrado toda essa magia das histórias, tanto as milenares (que agora podem perdurar mais e mais tempo) quanto uma literatura atual. Para contar é preciso ler! A busca incessante por uma boa história e a construção de um repertório amplo e diversificado para atender a públicos diversos.

Uma história nunca é escolhida por acaso. Ela vem de encontro, ou nela podemos encontrar um pouco da gente. Acontece uma certa identificação ou um sincero “Muito prazer em conhecê-la” e, a partir dessa primeira aproximação, ela se torna uma assídua companheira, algo que “impregna”, que corre e pulsa dentro nós. É preciso gostar muito da história para poder contá-la... e além disso, acreditar realmente em cada detalhe trazido por ela.

Ler uma vez, duas, três, um dia inteiro e se emocionar toda vez com a história: rindo, se arrepiando, sentindo que o coração bate mais forte numa determinada parte. Essa é a sensação. Não é simplesmente decorar as palavras trazidas pelo autor, é sentir e vivificar cada conjunto de simples letras em emoções. Realmente, não é uma fácil tarefa; é arte. Se a intenção do contador é emocionar, como fazer da história um ato mecânico e decorado?

O texto que segue abaixo foi retirado do meu diário de campo, o qual registrei minha experiência no projeto da prefeitura municipal de Campinas que teve como objetivo formar novos contadores e contar histórias para as crianças e adolescentes dos Núcleos Comunitários do município.

“Me centrei em mim, na minha história. Como se a tivesse “acordado” dentro de mim “Vamos lá, é hora de vc (história) brilhar, de te dar vida” mas tudo isso em questão de segundos... Virei para o grupo e comecei. Vi que as pessoas – mesmo aqueles que já haviam me ouvido contar essa história – riam e se encantavam com o sapinho e a cobrinha. Ao recolher esses olhares fui me enchendo de luz e vivendo cada vez mais a história. E quando, o sapinho reencontrou a cobrinha e disse que não poderia mais rastejar... senti a dor e a vontade reprimida daquela personagem... quis chorar... mas acabei rindo de mim, Lúvia, a contadora emocionada e mexida com a história que contava.” (4 de maio de 2004)*

Preciso fazer uma ressalva: há uma certa diferença entre contar um conto de tradição oral e contar um conto literário. Quando escolho um conto literário, é preciso ser fiel ao autor e suas idéias. Simplesmente não posso citar sua obra e colocar minhas palavras, mudar o seu texto. Deve haver uma certa fidelidade e respeito às palavras e estrutura de quem criou a história; para tanto o trabalho com ela é diferente do conto de tradição oral. Como o nome mesmo diz, este conto não tem autor, vem de uma cultura passada oralmente e ilustra o que o velho ditado nos diz: “quem conta um conto, aumenta um ponto”.

* “O Sapo e a Cobra”, conto em anexo.

Dependendo do lugar de onde esse conto vem, está sempre acompanhado de elementos que caracterizam esse espaço: idéias, concepções de vida, meio social, etc.

Quando a história escolhida é um conto literário, detenho-me ao compromisso com as palavras trazidas pelo autor. Tenho sim uma certa preocupação com a memorização, porém não deixo perder de vista a vida que essas palavras expressam e todo o sentido trazido pela história. Muitos desses livros trazem consigo uma ilustração, mas nesse estudo do conto, procuro não me prender a elas e, sim, criar ou buscar minhas imagens internas, como se fosse ilustrar, sob minha ótica, o livro novamente. Essas imagens auxiliam na memorização (ou chamamos de internalização) da história.

Encontramos o conto de tradição oral recontado em diversos livros e cada autor escreve de uma forma, com um estilo; mas a essência da história é sempre a mesma. Nesses contos não há um compromisso com um autor ou com sua forma de escrever, mas sim com o próprio conto e sua complexidade que há anos permanece intacto, vencendo a barreira do tempo e do espaço. “Longe de serem apenas fonte de entretenimento, ou refúgio que apazigua as agruras da vida de todos os dias, esses contos expressam trajetórias do desenvolvimento humano e são possíveis fontes de conhecimento” (2004: 64), assim afirma Regina Machado. Na minha experiência como contadora de histórias, a diferença entre os dois tipos de conto se evidenciou:

*“Pude perceber a grande diferença entre o conto de tradição oral e a história fiel ao autor. A história decorada fica um bom tempo **fora** da gente, apenas pairando sobre os nossos olhos... O conto entra, toma corpo e espaço. Abriga. Liberta as palavras... Muito bom!” (22 de junho de 2004)*

Independentemente de ser um conto literário ou de tradição oral, ambos necessitam de um estudo, uma aproximação. Além disso, não é qualquer história que deve ser escolhida: procuro ter um olhar crítico e minucioso. Infelizmente, nos dias de hoje, banalizam a literatura infantil para melhor ser vendida/ consumida; menosprezam a capacidade dos jovens leitores e reproduzem uma sociedade alienada, distante da leitura. Simplificam os clássicos contos de fadas e os transformam em “historinhas para crianças”, resumidas em alguns livros de apenas dez páginas; alguns autores criam suas



histórias sempre baseados numa forma didática, para ensinar algum conteúdo escolar. Ricardo Azevedo em seu texto *“Aspectos da literatura infantil no Brasil, hoje”*¹ explica que, sendo a escola pública a grande consumidora de livros do país, esta exerce grande influencia na produção destes. E comenta que,

Como a escola é o “mercado” surge a pressão de produzir trabalhos que atendam a demanda desse mercado. Faz sentido imaginar que livros didáticos sejam produzidos de forma a atender aos programas educacionais, mas o mesmo não ocorre com a literatura. Muito ao contrário, na minha visão, cabe à literatura trazer para dentro da escola o novo ponto de vista, a forma de dizer original, o estranhamento, o que ainda não foi pensado. Outra coisa: é importante lembrar quantas idéias e formas o “mercado” nunca vislumbrou e que, mesmo assim, acabaram sendo definitivamente aceitas e incorporadas, ampliando a visão de mundo do leitor.

Azevedo ainda faz um alerta: “uma das maiores ameaças que a literatura pode sofrer, é essa: ser reduzida a uma trabalho ficcional domesticado e utilitário, visando unicamente abordar temas determinados pela escola ou por quem quer que seja.”

Pergunto-me então: o que andam fazendo com a literatura denominada como “infantil”? Estamos preparados - como professores ou contadores - para selecionar essas histórias? Temos um papel fundamental nessa situação: selecionar criticamente as produções que estão lançadas pelas prateleiras desse país. Concordo com Azevedo quando diz que temos muitos autores que escrevem textos para crianças com uma reflexão política, com temas existenciais transbordando subjetividade. Fanny Abramovich, Ruth Rocha, Ligia Bonjunga, Marina Colassante, Celso Sisto, Ana Maria Machado, o próprio Ricardo Azevedo, dentre outros autores. Nem tudo está perdido, basta encontrar esses tesouros e fazer bom uso deles.

Essa escolha das histórias também me remete a outras questões: para quem contar? Onde contar? E o que contar? Nada pode passar despercebido aos olhos de um bom contador, que deve levar essas perguntas sempre consigo.

Em muitas das oficinas ministradas pelo grupo Manauê, as pessoas nos perguntam que histórias contar para determinada idade. Pergunta difícil para

¹ Texto tirado do site www.ricardoazevedo.com.br

qual ainda não encontrei nenhuma boa e certa resposta. Minha única contribuição é relatar a minha experiência e o que pude perceber em relação a esse ponto tão “conflituoso” nas oficinas de formação.

O grupo Manauê possui um repertório diversificado com histórias de bichos, princesas, meninos e meninas, homens e mulheres, flores com vida, etc. Quando uma sessão é para crianças menores de seis anos, procuramos contar as histórias de animais que falam, com contextos mais próximos, algumas repetições e músicas que dão ritmo e dinamismo. Usamos também bonecos de espuma (a Aninha e o Totoco que encantam com suas histórias e seus “causos” de uma infância de pura imaginação). Muitas vezes cheguei a acreditar que as crianças mais velhas ou até mesmo os adolescentes, não se atrairiam por essas histórias. Engano meu! A cada sessão pude observar o quanto eles se encantam com o “Caso do Bolinho” e “O grande rabanete” de Tatiana Belinky; ou a lenda “O sapo e a cobra” recontada por Willian Benett, e assim por diante. São adolescentes de treze/ quatorze anos que cantam a canção junto com o bolinho: *“Eu sou um bolinho redondo e fofinho, de creme recheado na manteiga assado...”* ou então, pedem no final da história, o livro para dar um olhada e ler mais uma vez, cantando a música, claro!

“Os adolescentes pareceram gostar e ficaram bem atentos, mesmo com a história do sapo e da cobra... com os bonecos, conseguiram esquecer por alguns minutos que eles eram de espuma e se divertiram com as graças do Totoco. No final da sessão, depois do “Caso do Bolinho”, quando mostramos os livros, o adolescente mais velho – 14 anos – pegou o livro e, com mais algumas crianças recontou toda história, até cantando a música. (24 de junho de 2004)

Voltando a preparação... escolhida a história - lida, relida e vivida – começo a contá-la sem o livro. Inicio minha busca pela história nos movimentos do meu corpo, e este passa a acompanhar o ritmo e o pulsar pedido pela história.

Experimentar essas qualidades, sempre como fruto dessa conversa entre imagens internas do contador, é um exercício de ir “colorindo” a história, trazendo à tona a variedade de tonalidades, brilhos, ênfases, nuances, o movimento vivo, o ritmo da narrativa. (Machado, 2003:54)

O evocar das possibilidades

Um lugar... algumas pessoas... o contador.. e as histórias! Será criado o espaço da livre imaginação em tempos de sonhos e encontros.

Para contar histórias é preciso um ritual semelhante à chegada de alguém muito importante: uma rainha, por exemplo. Considero as histórias como rainhas que serão evocadas e vivificadas numa sessão. Quando pensamos na chegada de alguém muito importante, preparamo-nos para recebê-la, mas o que e como preparar?

A passagem do mundo de todos os dias para o mundo do “Era uma vez” é uma ação fundamental. Como um rito, ela presentifica, atualiza a história, trazendo-a para a audiência e também para o contador. O importante é a intenção de realizar essa passagem, é saber que ela faz parte da arte de contar. (Machado, 2004:79)

Primeiramente escolho um lugar especial onde a rainha (a história) possa imperar plenamente. Meu olhar neste momento está voltado à escolha do espaço físico que varia conforme a especificidade do local. Nada de muito requinte ou cenários espetaculares, basta um canto aconchegante de paredes neutras, ou de baixo da sombra de uma árvore, a biblioteca, ou a própria sala de aula. É só arrastar as cadeiras, delimitar o espaço entre o público e o contador, deixando que a história entre em cena. A organização do espaço se dá devido a diversos fatores: o ambiente deve estar preparado de forma que todos consigam ver e ouvir o contador; ter pouca ou nenhuma movimentação, buscar a neutralidade do espaço evitando paredes que contenham desenhos, cartazes, escrita, janelas etc., de forma que a atenção não seja desviada para outros focos.

A formação do público em meio círculo auxilia o contador, pois nesta disposição, ele mantém em foco o olhar de seus ouvintes, capta suas emoções e sentimentos durante a história, convidando-os assim a entrarem nesse fantástico mundo imaginário. Acredito na simplicidade; sem acessórios ou cenários, a imaginação fica mais livre e voa alto, não fica presa às formas predefinidas. Como diz Machado (2004: 78) “um espaço neutro para que as

imagens das crianças possam se projetar sem a interferência de elementos alheios à história.”

A rainha ainda não chegou! Porém o público já a espera no local. Há neste momento a necessidade de o contador interagir com os ouvintes e começar a tecer o fio que irá conduzir todos ao encontro com a história. E o ritual continua com uma conversa, uma música, uma brincadeira... elementos que quebram a barreira do “estranho”, ou seja, aproxima afetivamente o contador do seu ouvinte. Trata-se de um convite, afirma Regina Machado, “que atrai a audiência pela proposição do mistério. A atenção vem aos poucos, conquistada pelo desenrolar da história e da arte de narrá-la.” (2004: 79)

Está tudo preparado para a vinda da ilustre convidada. Silêncio... Respiração... Concentração... “Era uma vez”... Agora é permitir que a convidada entre e se sinta a vontade para brilhar e encantar, seja a história cômica, de medo ou um belo conto de fadas: ela está em foco; não é contador, nem sua roupa e adereços. O contador apenas empresta sua voz, seu corpo e seu olhar. “O olhar funciona como cordão umbilical, que mantém o vínculo do contador com o público, e, portanto, não pode ser falseado! O olhar no olho das pessoas é trazê-las para dentro da história. Fingir que olha é afastá-las para o desinteresse e para o não envolvimento”. (Sisto, 2001: 66)



percebe como a “rainha” está sendo recebida por cada um. O contador transborda pelo seu olhar as imagens internas que compõe a história dentro de si.

Acontecem também algumas situações imprevistas durante a história: algumas perguntas, brincadeiras, conversas paralelas, olhares reprovadores, etc. Nessas horas, o contador precisa criar artifícios para não perder a seqüência da narrativa e continuar conduzindo a situação construída; responder com um olhar carinhoso, usar o imprevisto para dar continuidade à

história, ou qualquer outra forma que auxilie o ouvinte a voltar para a magia daquele momento. Assim diz Machado que, “Estar presente no instante da narrativa é dialogar com o que surgir, sem ter sido previsto, revertendo os acontecimentos a favor da história” (2004: 81).

Muitas vezes encontramos ouvintes que não têm o hábito de sentar e ouvir durante alguns minutos outra pessoa falar, por isso costumamos conversar com todos sobre algumas coisas necessárias para que a sessão seja agradável e permita momentos de entrega à história. As crianças costumam enumerar vários quesitos: silêncio, sempre em primeiro lugar; concentração; educação; respeito; não brigar; ouvir; atenção; dentre outros. Essa conversa acaba se tornando um pacto feito entre as crianças que oficializa o começo da sessão e perdura durante todo tempo que estamos contando as histórias. Há imprevistos, porém elas se responsabilizam em cuidar dos quesitos combinados na conversa inicial e levam a sério o compromisso até o fim.

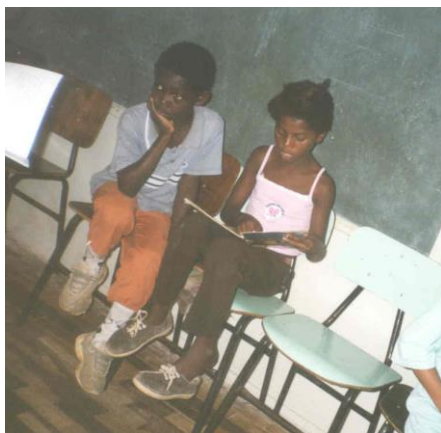
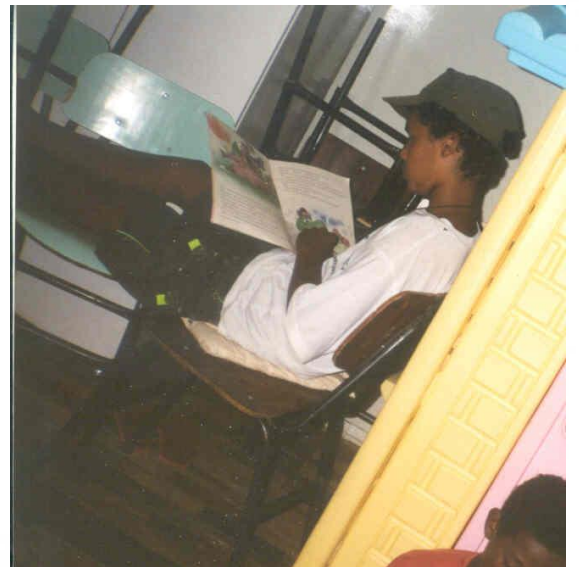
E o ritual continua no final de cada história também: são frases que fecham o portal mágico aberto com o “Era uma vez”, “No tempo em que os bichos falavam” ou qualquer outra expressão usada; frases essas que marcam a ruptura de um mundo para outro, do tempo imaginário para o tempo exato e cronometrado. *“E saiu por uma porta, entrou pela outra e quem quiser que conte outra”*; *“Entrou por uma porta, saiu pela outra. Manda El-Rei que me conte outra”*; *“Entrou com um pé de pinto, saiu por um pé de pato. Manda El-Rei meu senhor que me conte quatro”*; (Coelho, 1896:25); “A história divertida que acabamos de ouvir pode servir em nossas vidas, e quem quiser pode aplaudir”; “Essa história entrou por uma porta e saiu pela janela, quem quiser que pegue ela!”; “E acabou.” Vale criar, pesquisar alguns desfechos populares, musicar, apagar uma vela que foi acesa no início da história, etc; o importante é marcar essa ruptura, essa troca de “experiência”. E aplaudir se gostou!

Finalizada a história, costumo mostrar o livro onde está o conto pois concordo com Sisto (2001: 105) quando diz que somos “promotores de leitura”; “... mostrar o livro depois da contação é sempre bom, porque contar uma história é uma maneira de encantar o aluno para fazê-lo chegar ao livro.” Desses três anos de experiência contando histórias posso garantir que

realmente o ouvinte procura o livro, quer ter novamente o contato com a história, ora para confirmar a fidelidade do contador com as palavras do autor (“Nossa! Você decorou tudo mesmo!, sempre dizem), ora para olhar as ilustrações e manipular o objeto livro muitas vezes tão distante da realidade de algumas crianças. Cria-se uma relação afetiva **ouvinte-história-contador**, respectivamente ligada ao livro, que é fonte direta do mundo das histórias e objeto, também, de muito zelo e carinho do próprio contador.



Sessão de Contação de histórias no Núcleo Comunitário de Crianças e adolescentes Carlos Lourenço – Campinas/ SP



Após as sessões as crianças procuram os livros!
(Núcleo Comunitário de Crianças e Adolescentes Maria Rosa)



Num lugar não muito distante daqui...



No início de 2004 surgiu uma proposta para o grupo Manauê da Assistência Social da prefeitura de Campinas, que propunha um trabalho de formação de novos contadores de 236 horas. Essa formação seria destinada aos monitores dos núcleos comunitários do município. Ficamos assustadas com o número de horas e não entendíamos o que eram os núcleos e para que serviam; mas mesmo assim topamos o grande desafio.

O que são os núcleos?

A prefeitura mesmo pode explicar no documento oficial da Secretaria de Assistência Social de Campinas que conta a história dos núcleos.

“Serviço de Núcleos Comunitários de crianças e adolescentes

Justificativa

Os núcleos surgiram em 1983 por reivindicação da população de bairros periféricos da cidade.

O programa atende crianças e adolescentes de 07 a 14 anos em regime de apoio sócio-educativo em meio aberto, em período extra escolar com trabalho extensivo à família e a comunidade.

O Serviço de Núcleo é o único que atua em caráter preventivo com crianças e adolescentes na Secretaria Municipal de Assistência Social cumprindo um papel fundamental nos eixos básicos da Assistência Social: inclusão, proteção e promoção de crianças, adolescentes e famílias, através de atividades sócio-educativas, recreativas, lúdicas e de formação.

O programa tem como eixo norteador a Lei Orgânica de Assistência Social- LOAS, o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, especificadamente os contidos nos artigos 3º, 4º, 71º, 90º e a Constituição Federal no seu artigo 227º.

Atualmente 17 núcleos estão em atividade, conforme descritos na identificação.

Objetivos Gerais

- Proporcionar às crianças e adolescentes, mediante atividades recreativas, esportivas, culturais, artesanais e de complementação escolar e alimentar, oportunidades de crescimento, desenvolvimento e formação, atendendo o disposto no ECA.

Objetivos Específicos

- Possibilitar às crianças e adolescentes proteção, complementação alimentar, formação emancipatória, participativa, autônoma e crítica

- Desenvolver ações integradas com a escola, família, comunidade e demais recursos sociais da rede

- Acompanhamento às famílias na perspectiva de fortalecimento dos vínculos e geração de renda.”

Como ficou nosso trabalho

Das 236 horas combinadas no contrato, destinamos 30 horas para a formação dos monitores, que se daria fora do ambiente de trabalho, numa sala em lugar distante (centro da cidade). Os núcleos, na sua maioria, se localizam na periferia da cidade de Campinas.

E o que faríamos com o restante das horas? Eu também não sabia. Juntamente com a Coordenadora de Setor de Assistência à Criança e ao Adolescente, decidimos fazer, concomitantemente com a oficina de formação, uma rodada de sessões de contação de histórias nos 17 núcleos do município. Dessa forma, pudemos conhecer o local onde cada monitor trabalha, com suas especificidades e dificuldades. Mostramos também como funciona nosso trabalho: as histórias que contamos, as brincadeiras que preparam o clima para ouvir as histórias, os bonecos de espuma (Aninha e Totoco) que também são contadores, as conversas etc, ou seja, as possibilidades que esse trabalho proporciona.

Quando a oficina de formação terminou já, havíamos contado histórias em todos os núcleos e tínhamos conhecido as crianças, cozinheiras, guardas e suas histórias.

A segunda etapa seria voltar para os 17 núcleos contando mais histórias, porém os monitores se apresentariam conosco também. Não deu nada certo, pois acabaram deixando as sessões por nossa conta e não contaram nada, nem piadas.

Porém, nessa etapa pude observar inúmeras possibilidades que a arte de contar histórias oferece ao trabalho com crianças e adolescentes. Fui percebendo o quanto estava aprendendo naquela difícil realidade que, no momento do “contar/ouvir”, se lustrava de brilho, vida e significado.

É possível! afirmavam-me as situações. Fui observando e buscando... Tentei colocar tudo numa lente de aumento e questionei. Questionei-me: no que essa experiência contribui para minha formação como pedagoga? Sentia-me inflar e as questões começavam a cutucar minha cabeça, assim como bolhas de sabão estourando lentamente.

Busquei socorro com alguns contadores de histórias que escreveram sobre suas experiências e compartilhei, com essas leituras, as minhas reflexões.

Começo então a contar o que presenciei e o que senti quando contávamos histórias nos núcleos da cidade de Campinas.

Da brincadeira ao grande achado

O desafio do grupo neste momento do trabalho na prefeitura era pensar uma forma diferente de atuação nos núcleos, que pudesse contemplar a participação dos monitores e uma nova atividade com as histórias. Numa reunião com as participantes discutimos a questão do “trabalhar as histórias”: o que seria isso? Uma história deve ser trabalhada? Não acabaríamos caindo numa questão sobre a qual não acreditamos? Estaríamos fazendo o mesmo que as escolas fazem com a história: tiram todo o prazer de se ouvir, pois depois tem um “trabalho” a se fazer com ela

Lembrei-me de uma frase da palestrante Anna Marie Holm que veio para o Seminário Internacional de Estética (Unicamp, maio de 2004), a qual me marcou muito: *“Brinque e seja criativo: é a coisa mais importante para a sociedade dos sonhos”*. Colocamos então como proposta e objetivo dessa etapa a brincadeira com a história.

Essa brincadeira teria como ponto de partida o conto tradicional “A princesa que tudo via”² contado pela Heloisa e, logo após, seria proposto às crianças e adolescentes uma busca por objetos que representassem os personagens da história. Essa busca seria livre, poderia ser em grupo ou individual e eles deveriam explorar todo o núcleo, trazendo qualquer objeto. Depois que achassem tudo, formariam grupos (dependendo do número de crianças) e brincariam com os objetos, recontando a história conforme as suas significações.

A utilização dos objetos foi pensada considerando as reflexões de Machado (2004: 86) que diz: “quando os adultos permitem, as crianças dão vida aos objetos nas suas brincadeiras.” E pude presenciar momentos em que

² “A princesa que tudo via”. Em anexo.

garrafas de plástico, molas, folhas, etc. tinham vida própria e compunham um cenário de fantasia e diversão.

Seguem abaixo fragmentos do meu diário de campo que ilustram minha alegria diante de tal experiência com a brincadeira onde tudo *pode ser*.

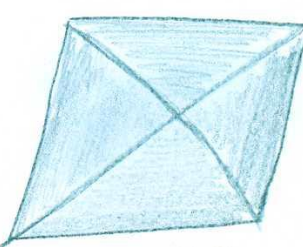
“Foi muito bom quando comparamos todas as princesas e eles iam falando: “essa tem um cabelo ruim”; “essa tem a saia aberta que parece a calcinha”. Assim iam descrevendo as princesas e escolheram a mais cabível: o detergente! Uma princesa magra. Houve uma discussão quanto ao príncipe e o soldado: qual seria o mais forte para ser o alcool.” (01 de junho de 2004)

“Foi incrível a forma que meninos ressignificaram o conto! Acho que nem conseguiria descrever... Um deles foi a princesa (menino) e falava com vozes e tudo mais. Todos sentiam necessidade de participar, ajudando a contar ou manipulando uma personagem. É impressionante como eles vivem a história com prazer e alegria, mesmo que sendo pelo puro e apenas BRINCAR pois não haveria apresentação. Apenas dois adolescentes não brincaram, mas estavam atentos na história que os amigos recontavam.” (8 de junho de 2004)

“Mas no meu grupo um menino se destacou totalmente com o soldado, que era uma mola! Ele foi espetacular, fez vozes e tudo mais. AQUELA MOLA GANHOU VIDA E ERA UM SOLDADO! Todos ali podiam ver.” (24 de junho de 2004)

Segundo Machado, a criança é criteriosa na escolha do objeto, não escolhe qualquer coisa. Observa suas qualidades e “vira o olho”, imagina e projeta no objeto as possibilidades deste ser o seu personagem. “A pessoa que quer usá-lo [o objeto] precisa exercitar sua capacidade de conversar com as formas que povoam seu mundo: formas da natureza, objetos, aromas, movimentos, sons, tonalidades e ritmos.” (2004: 86). Uma conversa interna travada entre a criança e o objeto é a imaginação fluindo pela possibilidade de ser, são significações pessoais atribuídas para aquele momento mágico de contato com as qualidades do mundo interno e externo. O aguçar da curiosidade é a mola para as grandes invenções: “e se isso pudesse ser...?”.

Me conte outra!



Histórias... de nossas vidas, daqueles que passaram por elas, de lugares distantes ou bem pertinho. Histórias para contar, organizar, eternizar... para pensar e questionar: uma formação de pedagoga. Nesse momento de finalização do curso de Pedagogia tantas questões afloram e perambulam no pensamento.

“Aprender a aprender”; “Aprendizagem”; “ensino-aprendizagem”... Tantas foram as discussões e perguntas, talvez porque exigimos precisão e eficiência de nossa profissão. Porém esquecemos das vivências significativas que as experiências artísticas nos proporcionam. No âmbito acadêmico limitamo-nos às discussões teóricas, levantamos milhares de indagações, frustrações e reticências... Esquecemos das vivências!

A experiência artística (desde que seja o contato com a verdadeira arte) é repleta de significações na formação de qualquer pessoa, tanto adulto quanto criança. Ela fica ressoando num pulsar seguro dentro da gente; é presença marcante, lembrança, memória. E foi essa experiência com a arte de contar histórias que despertou o interesse em buscar respostas (ou novas questões) para essa prática artística e sua presença na formação de pessoas, ou melhor, da minha pessoa! Quais contribuições essa arte traz para a formação do pedagogo?

O espaço para as experiências artísticas é limitado e apertado tanto no currículo da Educação Básica e Ensino Médio como também no Ensino Universitário. Em quatro anos de formação no curso de Pedagogia tivemos apenas uma disciplina em que pudemos vivenciar tais experiências, discutindo a importância da arte na Educação.

EP158: Educação, Corpo e Arte. Dança, música, teatro, cinema. Infelizmente não experimentamos uma vivência plástica devido diversas impossibilidades. Como dar conta de todos os campos da arte em apenas um semestre? Impossibilidades... caminho estreito para a passagem da arte por aqui (universidade) e por aí (escolas).

A velha história se repete: não há uma experiência artística na formação do pedagogo. Não se prioriza a arte no currículo. Priva-se a possibilidade das crianças e adolescentes vivenciarem tais experiências na escola.

Porém, o pouco tempo que tivemos contato com a “arte” na disciplina EP158 foi muito significativo. Algumas colegas encaravam como uma “aula relaxante”, para outras era perceptível a dificuldade em se relacionar com o próprio corpo: livre, repleto de mobilidade e sentindo, sentindo... todos os impulsos internos e externos. Brincamos com os sons, com o espaço, nossas histórias. Nos aproximamos, comunicamos, expressamos. Bonito de ver! No último dia de aula apresentamos nossos “trabalhos”: teatros e danças. Amigos, namorados, família: todos se mobilizaram para preparar as cenas. Pessoas reunidas experimentando sentimentos, criando... aprendendo! Com o corpo, pensamento, olhares, pele e emoção. Uma vivência significativa.

A arte, em todas as suas manifestações, é, por conseguinte, uma tentativa de nos colocar diante de formas que concretizem aspectos do sentir humano. Uma tentativa de nos mostrar aquilo que é inefável, ou seja, aquilo que permanece inacessível às redes conceituais de nossa linguagem. As malhas dessa rede são por demais largas para capturar a vida que habita os profundos oceanos de nossos sentimentos. Ali, quem se põem a pescar são os artistas. (Duarte, 1991: 49)

Mas como tudo que é bom dura pouco, a disciplina também durou. Entretanto, pude estabelecer uma aproximação com a arte durante todo o curso de pedagogia, contando histórias. Uma experiência a parte do currículo, uma busca individual, construindo um conhecimento através da prática e sua reflexão. Permite-me adentrar à magia das histórias despertando minhas imagens internas, resgatando valores, para assim poder questionar as práticas pedagógicas e a formação do professor.

Assim explica Machado:

O processo de estudar um conto, recriando-o nas mais diferentes formas artísticas, dá ao professor a oportunidade de encontrar e ordenar suas próprias imagens internas, configurando em uma forma suas

significações essenciais, e assim ele se conta sua própria estória de aprender e tornar-se capaz de ensinar. (2004: 25)

Eu aprendo contanto histórias. Isso porque, como diz Duarte (1991: 23), “Aprender é um processo que mobiliza tanto os significados, os símbolos, quanto os sentimentos, as vivências a que eles se referem.” Ou como afirma Machado (2004: 31) que “Esse aprendizado é significativo para nós quando ressoa, conversa com nossa história pessoal, quer dizer, é produto de uma ação de pensamento, sentimento, percepção, intuição e sensação.”

“Percebi que minha relação com as histórias mudou muito. A Livia contadora não é mais a mesma: ela é mais solta, se entrega ao conto, não tem medo da história porque não é algo que vem de fora, mas está DENTRO DE MIM! UM PEDAÇO DO TODO QUE HÁ EM MIM! E com isso sinto que para as crianças também mudou. Tem umas três sessões que essa mágica anda acontecendo...” (30 de junho de 2004)

É um passeio por dentro da gente que desperta o mundo imaginário, o “poder ser”, como diz Machado. Percorro por entre reinos, campos e florestas; aventuro-me com heróis, princesas e camponeses; conto com a ajuda de animais que podem falar; sinto medo da bruxa e dos monstros. Metamorfose. Transformação. Tudo pode ser nesse mundo da livre criação.

Duarte (1991: 52) considera a imaginação a capacidade fundamental do homem, pois é através dela que se dá o processo de criação, pensar algo que ainda não existe, projetar aquilo que *poderia ser*. “Distinto do animal, que está preso ao aqui e agora, o homem, pela imaginação, situa a sua ação num mundo que estende os seus limites para além da imediaticidade do presente e da materialidade das coisas. O homem cria um universo significativo, em seu encontro com o mundo e através da imaginação.”

As histórias possibilitam essa experiência do imaginário, e Machado descreve que:

Este “lá” para onde a pessoa se transporta é o lugar da imaginação enquanto possibilidade criadora e integrativa do homem. Quando experimento estar dentro da história, experimento a integridade individual de alguém que não está nem no passado nem no futuro, mas no instante do agora onde encontro em mim não o que fui ou o que serei, mas minha inteireza no lugar onde a norma e a regra — enquanto coerção da exterioridade do mundo — não chegam. Onde sou rei ou rainha do reino virtual das possibilidades, o reino da imaginação

criadora. Nesse lugar encontro não o que devo, mas o que posso; portanto, entro em contato com a possibilidade de afirmação do poder criador humano, configurado em constelações de imagens. (Machado, 2004: 24)

Acredito que o pedagogo necessita, mais do que nunca, experimentar tal possibilidade, transcender a realidade do dia-a-dia e pensar numa educação que contemple o ser humano como um todo: racional e emocional, capaz de vivenciar novas formas de ser, imaginar outras maneiras de se relacionar com os outros ou com o próprio espaço em que convive. Se o pedagogo não tiver vivenciado essa experiência como este poderá proporcioná-la a seus alunos? Se não há chama, como pode incendiar? Difícil, para não dizer impossível.

Faz-se necessário um resgate dos valores humanos e como Machado (2004: 15), penso que “enquanto estamos dentro do conto, experimentamos a certeza de que valores humanos fundamentais como a dignidade, a beleza, o amor e a possibilidade simbólica de nos tornarmos reis permanecem vivos em algum lugar dentro de nós.”

Num mundo globalizado em que a comunicação não tem barreiras, a tendência “monocultural” amedronta e exige uma postura crítica do pedagogo. Pensar o “Interculturalismo” é um importante elemento pedagógico para o sistema atual; conhecer as visões de mundo de outros povos faz parte de uma educação completa e que não exclui, não aliena, mas amplia as experiências artísticas, o contato com as formas de conhecimento de várias culturas. Como defende Machado, os contos de tradição oral contribuem nessa postura de conhecer outras produções de saberes:

Costumes, crenças, paisagens, objetos, tipos de ornamentos, vestimentas, hábitos alimentares e outras características culturais estão representados das mais variadas maneiras nos contos chineses, esquimós, africanos, dos índios americanos, das diferentes regiões brasileiras ou européias. A riqueza com que se apresentam nas narrativas tradicionais possibilita a oportunidade para o estudo das diferenças e das peculiaridades da nossa própria cultura, favorecendo a consciência da nossa identidade. (Machado, 2004: 33)

Considerar nosso rico folclore, conhecendo as fantásticas histórias e valorizando essa cultura como forma de conhecimento: expressão do povo que luta pela vida e pelo seu sentido. Ricardo Azevedo explica que “Essa “ciência”

popular busca também interpretar e domar as forças da natureza, mas o faz a partir, principalmente, da visão analógica e intuitiva, da aproximação afetiva, corporal e subjetiva da realidade”. Ouvir e contar histórias vai além de ser apenas entretenimento, ou um momento de acalmar os alunos em sala de aula, ou conteúdo para uma prova, ou interpretação precisa do texto. “ a atividade de contar histórias constitui-se numa experiência de relacionamento humano que tem uma qualidade única, insubstituível.” (Machado, 2004: 33)

Assim como Duarte (1991: 72) acredito na utilização da arte como um veículo educacional, não para formar artistas e nem para se tornar mais uma disciplina fragmentada despejando conteúdos, pois a arte-educação é uma “maneira mais ampla de se abordar o fenômeno educacional considerando-o não apenas como transmissão simbólica de conhecimento, mas como um processo formativo humano. Um processo que envolve a criação de um sentimento para a vida, e que emerge desde os nossos sentimentos peculiares.”

É professor... se mergulhasse nesse mar infinito das imagens que habitam o mais íntimo de seu ser, se imaginasse uma história nova para esse mundo de pernas para o ar e a contasse com todos seus sentidos, seu corpo e certeza para seus alunos... se vivificasse as experiências dos nossos antepassados transmitindo agora, e para todo sempre, essa sabedoria milenar que perpassa as barreiras dos nossos anos consumidos pela pressa e angústias humanas... se embarcasse para o lugar do “faz de conta que eu era” e num passe de mágica criasse um espaço mais humano para seus alunos, compromissado com uma formação integrada e repleta de significados para a vida e pela vida... É professor, se você puder me contar essa história, irei sempre te pedir: Me conte outra!



Referência Bibliográfica

AZEVEDO, Ricardo. **Do outro lado da janela**. São Paulo: Moderna, 1992.

BENNETT, Willian John. **O livro das virtudes**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

BENJAMIN, Walter. **O narrador** in **Magia , técnica, arte, e política: ensaio sobre a literatura e a história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

COSTA, Cléria Botelho da. **Memórias compartilhadas: os contadores de histórias** in **Contar história, fazer história: história, cultura e memória**. Brasília: Unb, 2001.

DUARTE Jr, João Francisco. **Por que arte-educação?** Campinas: Papirus, 1994.

MACHADO, Regina. **Acordais: fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias**. São Paulo: DCL, 2004.

_____. **O violino cigano e outros contos de mulheres sábias**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

PAMPLONA, Rosane. **Novas histórias antigas**. São Paulo: Brinque-Book, 1999.

SILSO, Celso. **Textos e pretextos da arte de contar histórias**. Chapecó: Argos, 2001.

Bibliografia Complementar

BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

FERREIRA, Sueli. **O ensino das artes: construindo caminhos.** Campinas, SP: Papirus, 2001.

GROTOWSKI, Jerzy. **Em busca de um teatro pobre.** Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1992.

SILVA, Daisy Maria Barella. **Uma vida na escola em linguagem teatral.** Ijuí: Editora UNIJUÍ, 1999.

TONUCCI, Francesco. **Com olhos de criança.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

Anexos

O Sapo e a Cobra

Era uma vez um sapinho que encontrou um bicho comprido, fino brilhante e colorido estirado no caminho.

- Alô! O que você está fazendo aí estirada na estrada? Disse o sapinho.
- Estou me esquentando no sol. Sou uma cobrinha e você?
- Um sapo. Vamos brincar? – Convidou o sapo.

E os dois brincaram o dia todo na estrada.

- Vou te ensinar a pular – falou o sapo.

E a cobrinha disse então:

- Vou te ensinar a subir na árvore

E os dois subiram. Ficaram com fome e decidiram cada um ir para sua casa, mas prometendo se encontrar no dia seguinte.

- Obrigada por me ensinar a pular – agradeceu a cobrinha.
- Obrigado por me ensinar a subir na árvore – disse o sapinho.

Em casa o sapinho mostrou a sua mãe que sabia rastejar e sua mãe disse:

- Quem ensinou isso a você?
- A cobra minha amiga – respondeu o sapinho.
- Você sabe que a família cobra não é gente boa. Elas tem veneno! Você está proibido de brincar com cobras e também de rastejar. Não fica bem.

Em casa a cobrinha mostrou a sua mãe que sabia pular e sua mãe disse:

- Quem ensinou isso a você?
- O sapo meu amigo – respondeu a cobrinha.

E sua mãe falou então:

- Você não sabe que família sapo nunca se deu com a gente? Da próxima vez você agarra ele e ... Nhoc! Bom apetite. E pare de pular porque nós cobras não fazemos isso.

No dia seguinte, cada um ficou na sua. O sapinho disse:

- Acho que hoje não vou poder rastejar com você.

A cobrinha olhou, lembrou do conselho de sua mãe e pensou:

- Se ele chegar mais perto eu pulo e agarro ele.

Mas lembrou da alegria da véspera e dos pulinhos que aprendeu a dar com o sapinho. Suspirou e deslizou para o mato.

Daquele dia em diante o sapinho e a cobrinha não brincaram mais juntos, porém ficavam todos os dias ao sol, lembrando do único dia em que foram amigos.

Conto retirado do livro das Virtudes de Willian Benette.

A Princesa Que Tudo Via

Era um vez uma princesa que conseguia ver tudo o que queria. É que, no alto da torre mais antiga de seu palácio, havia uma sala circundada por doze janelas mágicas. Através delas, a princesa podia ver qualquer coisa que se passasse no seu reino e até mesmo nos reinos de além-mar. Bastava pensar no que queria ver e olhar por uma das janelas; se a primeira delas não lhe mostrasse nada é porque o que procurava estava muito longe ou muito bem escondido. Mas logo na segunda ou na terceira janela aparecia a imagem desejada. As janelas revelavam desde as alturas inatingíveis das nuvens às profundezas da terra e do mar. Nada escapava à princesa: ninguém saía do seu reino sem que ela soubesse, nenhum inimigo se aproximava sem que ela estivesse prevenida. Assim, era natural que seu poder se tornasse cada vez maior e que muitos príncipes pretendessem se casar com ela.

A princesa, todavia, não encontrava nenhum pretendente à sua altura. É bom dizer que, com tanto poder, ela se tornara um pouco arrogante, cheia de si. Decidiu, então, lançar um desafio: aquele que conseguisse se esconder dela, pelo menos uma vez, se tornaria o seu príncipe consorte.

Os príncipes e outros nobres foram os primeiros a se apresentar. A princesa dava a todos eles três chances. A cada dia podiam tentar um esconderijo diferente. Somente no final do dia, ao pôr-do-sol, a princesa subia à torre e consultava as janelas.

Um dos príncipes pretendentes ouvira falar que "nada mais escondido que agulha no palheiro", e, seguindo à risca a idéia, entrou num paiol de milho e cobriu-se de palha de tal maneira que nem mesmo as galinhas que ali vieram ciscar deram pela sua presença. Mas bastou a princesa olhar pela primeira janela e ele foi descoberto.

O príncipe não se deu por vencido: no dia seguinte, mandou que seus servos cavassem no solo um túnel profundo, onde ele ficou bem escondido, coberto por pedras. E já quase ia se sufocando quando a princesa, no fim da tarde, olhou pelas suas janelas e o mandou buscar.

Como última tentativa, o príncipe tomou um navio e navegou para uma ilha distante. A princesa olhou pela primeira janela e nada viu; olhou pela

segunda e nem precisou chegar à terceira para mandar um emissário dizer ao infeliz pretendente que suas chances estavam esgotadas.

E depois dos nobres vieram os plebeus. Cada um inventava um esconderijo mais extravagante, porém poucas vezes a princesa precisou chegar à segunda janela para descobri-lo. Um a um os pretendentes foram sendo dispensados.

Um dia, um jovem e bravo soldado que voltava de uma guerra num país distante, ouviu falar da princesa. Atraído pelo desafio, decidiu ir até o palácio e tentar sua sorte.

No meio do caminho, deparou-se o soldado com um carneirinho que balia desesperado, preso nos arames farpados de uma cerca. O rapaz desembarçou-o com cuidado. Vendo-se livre, o agradecido animal assim lhe falou:

-Eu sou o príncipe dos carneiros. Meu pai, o rei, gostará de recompensá-lo. Pegue este punhado de lã e, quando precisar de mim, esfregue-o, chamando-me.

O soldado ficou maravilhado com o que ouviu, guardou a lã e seguiu em frente. Logo adiante, encontrou uma águia que tentava se livrar de uma armadilha. Cuidadosamente ele a soltou e ouviu dela o seguinte:

-Eu sou a rainha das águias e você me salvou. Se um dia precisar de ajuda, esfregue esta pena e chame por mim.

O jovem agradeceu o presente e continuou seu caminho. Logo antes de chegar ao palácio, sua atenção foi atraída por uma formiga que se debatia numa poça d'água. Salvando o bichinho de morrer afogado, mais uma vez ele ouviu:

-Eu sou a rainha das formigas. Guarde esta folha e, se precisar de algo, esfregue-a e chame por mim.

O soldado guardou também a folha com cuidado. Logo chegou ao palácio e pediu para ser apresentado à princesa. No dia seguinte, começou a procurar um lugar para se esconder, porém todos os esconderijos lhe pareciam óbvios. Lembrou-se então do carneirinho. Esfregou o punhado de lã e pediu ajuda para esconder-se.

Na mesma hora apareceu um rebanho de carneiros. O próprio soldado, maravilhado, viu-se transformado em carneiro e misturado ao grupo.

Ao pôr-do-sol a princesa subiu à torre. Olhou pela primeira janela e nada viu. A segunda janela, porém, mostrou-lhe o carneiro e a princesa soube que era ele o pretendente.

Na manhã seguinte, retomando a forma humana, o soldado se apresentou à princesa, que lhe disse:

-Entre os carneiros, tu eras o que ficava junto ao pequenino.

O rapaz, reconhecendo que fora descoberto, saiu do palácio, dirigiu-se à orla da floresta e, esfregando a pena mágica, chamou pela águia.

Imediatamente a rainha das águias apareceu e transportou-o pelos ares. Levou-o até a mais escarpada das montanhas, transformou-o num ovo e misturou-o aos demais ovos de seu ninho. Depois, ajeitou -se por cima deles, cobrindo-os todos e dali não saiu o dia inteiro.

Naquela tarde, quando a princesa consultou a primeira janela, nada pôde descobrir; e nem na segunda, mas a terceira mostrou-lhe o ninho. No dia seguinte, o soldado, apresentando-se a ela, ouviu:

-Entre todos os ovos da águia, tu eras o que ficava mais no centro.

Vencido mais uma vez, o jovem saiu do palácio, procurou um lugar isolado e, esfregando a folha, sua última esperança, chamou pela rainha das formigas.

-Desta vez - disse ele, depois de lhe contar sua história -, você tem de pensar num esconderijo muito, muito especial. Nada escapa aos olhos da princesa!

-Nada? -duvidou a formiga. - Pois eu sei de algo que ela não vê!

E, transformando o rapaz numa formiguinha, levou-o até os aposentos da princesa.

-Dê um jeito de esconder-se dentro do seu vestido - aconselhou a formiga. E desapareceu.

O soldado, agora formiga, observou bem a princesa e suas sete pesadas saias. E achou melhor subir pelo vestido dela e escorregar pelo decote. E ali, dentro do corpete da princesa, ele ficou quietinho, esperando o dia passar.

Quando a tarde chegou, a princesa subiu à torre. Olhou pela primeira janela e nada pode vislumbrar. Olhou pela segunda e também nada viu. Tampouco a terceira mostrou-lhe alguma coisa e a princesa, já inquieta, passou à quarta janela. E assim foi, de janela em janela, até chegar à décima segunda. Entretanto, por mais que olhasse, ela não conseguia enxergar o que queria.

A noite toda ela passou a consultar as janelas. Em vão. Quando os primeiros raios de sol iluminaram a torre, a princesa, irritada, gritou:

-Desisto! Pode aparecer, que eu me caso com você!

O rapaz saiu, então, de dentro do vestido dela, desceu ao chão e, retomando sua forma humana, confessou à princesa o seu esconderijo.

A princesa quis brigar, mas acabou rindo, divertida com a história. O casamento foi realizado naquele mesmo dia e os dois foram sempre, sempre felizes.

Pamplona, Rosane. *Outras novas histórias antigas*. São Paulo: Brinque Book, 1999